

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Coletânea das ilustrações publicadas na
"REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA"



OFERTA
do
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
por ocasião da
XIII Feira Internacional de Amostras
comemorativa do
DECÊNIO DO GOVÊRNO GETÚLIO VARGAS

NOVEMBRO 1940

8. COL. 173.

I-7-39

Museu Paraense
BIBLIOTECA

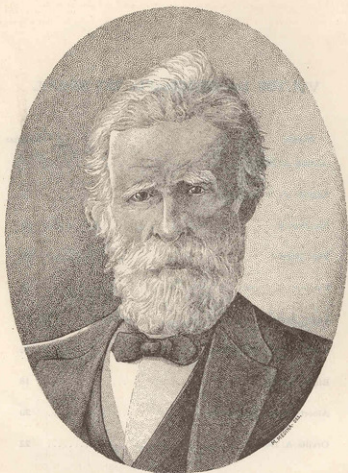
HOMEM DE MELO

(1912-1916)

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Nomes	Páginas
Homem de Melo	4
Auguste de Saint-Hilaire	6
Rio Branco	8
Von Martius	10
Euclides da Cunha	12
Louis Agassiz	14
Eusébio Paulo de Oliveira	16
Eliée Reclus	18
Alberto Betim Pais Leme	20
Orville A. Derby	22

MUSEU PARANENSE
BIBLIOTECA
1902



F. J. M. Hornum de Melb.

MUSEU PARANAENSE
BIBLIOTECA

1605239.69 ✓

HOMEM DE MELO

(1837-1918)

GEÓGRAFO eminente do Império, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, nascido na então vila, hoje cidade paulista de Fındamonhangaba, foi um dos precursores do estudo da geografia nacional e figura marcante da metodologia do seu ensino.

Após completar o curso de ciências jurídicas na Faculdade de São Paulo, rumou para a política e para o magistério. Portador de cultura e caráter invejáveis, foi chamado a ocupar os cargos de professor, parlamentar e estadista, nos quais se houve com pleno êxito, sendo distinguido pelo governo imperial com o título nobiliárquico de Barão Homem de Melo.

Sua obra geográfica se caracteriza ora pela pesquisa "in loco" de cientista e explorador, ora pela feição didática de mestre consumado. Seus trabalhos de campo encerram vasta documentação cartográfica: resultado do estudo acurado da topografia das regiões percorridas. Também dos relatórios circunstanciados das suas explorações e excursões decorre valiosa contribuição para o estudo da geografia do Brasil.

Tendo dedicado grande parte da sua atividade ao magistério como professor de Geografia e História Universal, revelou o seu espírito altamente didático dando à publicidade, em 1889 — quando catedrático dessas disciplinas no Colégio Militar do Rio de Janeiro — o seu "Atlas do Império do Brasil", 23 anos depois remodelado e correto na "Geografia-Atlas do Brasil". Expressando nestas obras as áreas nacional e provinciais em quilômetros quadrados, o que era feito até então em léguas quadradas, foi um dos primeiros divulgadores do sistema métrico, então de recente uso no Brasil.

Cartógrafo competente que era, forneceu os "Subsídios para a organização da Carta Física do Brasil" e, em 1909, publicou, atualizado, o "Atlas do Brasil", trabalho de mérito e precisão, em 65 páginas de texto e 33 mapas impressos em seis cores.

Extensa é a sua produção bibliográfica, destacando-se dentre inúmeras monografias, teses, conferências e outras publicações de caráter geográfico, "A Orografia Brasileira", "O Oiapoque", "Viagem ao Paraguai" e "Excursão ao Itatiaia".

Na sua obra "O Oiapoque" — magnífica contribuição para o estudo da geografia e história desse rio limite — provou à luz de documentos históricos os direitos do Brasil. Com a determinação astronômica da situação do Oiapoque, Homem de Melo decidiu de uma vez a controvérsia geográfica em torno da localização verdadeira desse rio.

Dedicando-se também com carinho e erudição ao estudo do Passado brasileiro, foi excelente historiador, produzindo várias obras de reconhecido valor histórico. Foi presidente não só do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro como também sócio honorário de todos os institutos congêneres do Brasil. Faleceu a 4 de janeiro de 1918, na localidade de Campo Belo, no Estado do Rio de Janeiro, hoje Barão Homem de Melo.

Cientista-geógrafo e professor, muito trabalhou para tornar o imenso território nacional conhecido dos seus concidadãos.



Auguste De Hilaires

MUSEO PARLAMENTARE
BIBLIOTECA

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

(1779 — 1853)

AUGUSTIN François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire, mais conhecido por Augusto de Saint-Hilaire, chegou ao Rio de Janeiro a 1.º de Junho de 1816, com o Duque de Luxemburgo, a quem solicitara permissão para acompanhá-lo ao Brasil.

Com a vinda da Família Real, o Brasil passou a ter, no domínio da História Natural, a sua época áurea, no dizer de A. d'E. Taunay e, aos nomes de Langsdorff, Príncipe Wied-Neuwied, etc., juntava-se então a figura do grande botânico francês.

Saint-Hilaire, antes de fazer esta viagem, passara alguns anos no norte da Alemanha onde, através da obra de Goethe, teve as primeiras noções de morfologia vegetal; de regresso à França, é que se pôs a estudar com interesse a Botânica, tendo em Paris por mestres A. L. de Jussieu, L. Claude Richard e Desfontaines.

Professor no Jardin du Roy — mais tarde transformado no Museu de História Natural de Paris, viera Saint-Hilaire com o intuito de fazer o estudo dos produtos vegetais do Brasil. Durante os seis anos de sua permanência entre nós, dedicou-se a estudos não exclusivamente botânicos; além de compor bela coleção de plantas (6 a 7 mil espécies), colheu também apreciável número de espécimes animais e minerais, percorrendo grande parte do território brasileiro, da Província do Espírito Santo, à do Rio Grande do Sul, Minas e Goiás, sem contar a excursão realizada à Cisplatina.

Nas suas viagens, soube apreciar harmoniosamente a variedade de aspectos de nossa terra, sendo, talvez, dentre os ilustres visitantes da época, o que nos fez melhor justiça. Associação feliz de homem bom e sábio, o amigo dos nossos índios e julgador sereno dos homens e fatos do Brasil, alia-se ao brilho do naturalista culto. É difícil assinalar-lhe todos os aspectos, mas, de um modo geral, pode-se distinguir dois Saint-Hilaire: o viajante saaz e descritivo, encontrado nas "Voyages dans l'intérieur du Brésil" e o botânico esclarecido e coordenador da "Flora Brasiliæ Meridionalis".

O resultado científico das pesquisas botânicas de Saint-Hilaire no Brasil apresenta três cristalizações:

- 1 — "Plantas usuais dos brasileiros", (1824).
- 2 — "História das plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai", (1824).
- 3 — "Flora Brasiliæ Meridionalis", (1825-32), em 3 vols., colaborada por A. de Jussieu e J. Cambessèdes e, publicada sob proteção do Governo Real de França.

Além destas obras cumpre citar:

- "A Agricultura e a criação do gado nos Campos Gerais", (1849).
- "Viagens pelo interior do Brasil", (título geral), desdobradas em cinco partes.

A contribuição para a Botânica e Fitogeografia brasileira dispensa referências. Não menos valioso é o subsídio para a Etnografia nacional, considerando-se os dados, contidos na sua obra, sobre os Botocudos, Coroados, Catapós, Guaicurus, e outros. Observou os hábitos e costumes da época sem entrar em apreciações chocantes; sua tendência para a geografia surge a cada passo, ora quando esboça uma divisão natural (como o faz para a Província de Minas), ora quando assinala os revestimentos vegetais das várias regiões que percorreu, ou ainda quando descreve com emoção as nascentes do maior rio totalmente brasileiro (o São Francisco). No domínio da geografia botânica, descrevendo o aspecto da flora em cada região explorada, fazia fitogeografia florística e também fitogeografia ecológica ao interpretar o complexo "meio físico-planta" no tocante a esta ou àquela espécie ou formação vegetativa.

Não cessa aí, porém, a riqueza das suas observações. Dá-nos informes sobre clima, estatística, artes, comércio e agricultura; sobre toponímia e linguagem indígenas; e valiosas indicações sobre os caminhos antigos, por ele seguidos. Por isso, e o diz muito bem A. J. Sampaio, a obra de Saint-Hilaire não deve ser tomada sob um único ponto de vista especial e sim encarada como um magnífico repositório de cousas e fatos de valor científico diverso.

Suas jornadas, em ordem cronológica, assim se sucederam:

- às províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (de dezembro de 1816 a março de 1818);
- às províncias de Rio de Janeiro e Espírito Santo (de agosto a novembro de 1818);
- às de Rio de Janeiro, Minas, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, R. G. do Sul e Cisplatina (de janeiro de 1819 a agosto de 1821);
- às de Minas e São Paulo (de janeiro a maio de 1822);

voltando repetidas vezes ao Rio de Janeiro, pois que a Corte lhe servia de depósito às coleções organizadas em cada viagem.

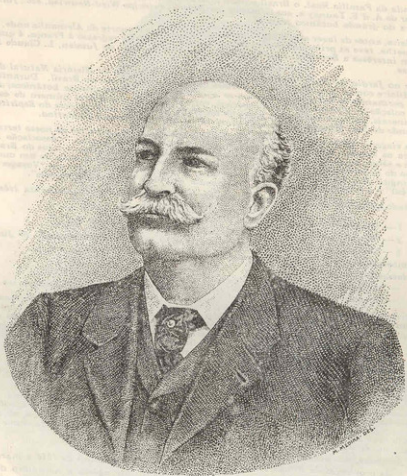
Se Martius, Spix, Eschwege e outros muito fizeram pelo melhor conhecimento da natureza e do homem do Brasil, Saint-Hilaire, abordando os mesmos temas, legou-nos muita coisa original. Percorrendo em seis anos cerca de 15.000 quilômetros, assemelha-se a um bandeirante que, se encontrou alguns caminhos prontos, teve o privilégio de escrever com maestria o que viu, sentiu e aprendeu no grande Brasil desconhecido, concorrendo ao mesmo tempo para que o nome de nossa Pátria — ainda obscuro naquele tempo — se tornasse mais familiar aos centros científicos do Globo. Aí reside, para nós, o mérito maior de Saint-Hilaire.

Pouco depois de regressar da segunda viagem a Minas e São Paulo (1822), no período agitado que precedeu à nossa Independência, embarcou para a França, onde continuou a sua intensa atividade científica.

Em 1830, sucedeu ao grande Lamarck como membro efetivo da Academia de Ciências de Paris, da qual já era correspondente desde 1819. Mais tarde, foi nomeado professor de Organografia Vegetal na Sorbonne, ensinando as lições aí ministradas, no volume "Leçons de Botanique", (1840).

Cavaleiro da Legião de Honra, pertenceu a inúmeros institutos científicos como a Sociedade Linceana de Londres, Sociedade de Ciências Físicas de Genebra, Sociedades Filomática e de História Natural de Paris, etc., sendo, no Brasil, membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Grande amigo do Brasil, Saint-Hilaire muito contribuiu, com a sua farta e substanciosa obra, para o melhor conhecimento do território brasileiro, quer por seus filhos, quer pela Humanidade.



Handwritten signature: A. J. ...

RIO BRANCO

(1845-1912)

JOSE' Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco, fez o seu curso de humanidades no Colégio Pedro II, onde mais tarde, em 1868, foi professor de História e Geografia do Brasil.

Seguindo a sua vocação e a atividade intelectual de seu pai, o visconde do Rio Branco, ingressou na carreira diplomática em 1876, seguindo para Liverpool como cônsul do Brasil na Grã-Bretanha. De volta do Rio da Prata, onde estivera como secretário de seu pai, em missão diplomática, foi convidado para sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Desde o começo da sua vida diplomática, demonstrou sua capacidade e devotamento pela carreira que abraçara. As missões que a Nação lhe confiou foram justo reconhecimento dos seus méritos.

No governo do marechal Floriano, ocupou o alto cargo de ministro plenipotenciário e foi enviado como representante do Brasil junto ao governo dos EE. UU., afim de acompanhar a secular questão das Missões, então sujeita à arbitragem do governo de Washington. Nessa posição, escreveu, defendendo os interesses da Pátria Brasileira, a notabilíssima memória histórico-geográfica, em seis volumes, com farta documentação cartográfica. — "Boundary Question between Brazil and the Argentine Republic", do que resultou, em 5 de fevereiro de 1895, a incorporação definitiva ao Brasil de um território de 30.622 km.² Foi a sua primeira vitória.

Em 22 de novembro de 1898, o presidente Prudente de Moraes o nomeava ministro plenipotenciário em missão especial junto ao governo suíço, para defender os direitos brasileiros na célebre questão francesa do Amapá. Desempenhando tal encargo, escreveu vasta memória, em quatro volumes e um atlas — "Questions de frontières entre le Brésil et la France", como depois a "Republique du Brésil", em três volumes, um álbum de fac-simile e dois atlas. E a sua ação foi tal que, em 1 de dezembro de 1900, 260.000 Km.² de terras, litígio de dois séculos, passaram definitivamente à jurisdição nacional, dilatando o solo pátrio.

O dr. Rodrigues Alves, ao assumir a presidência da República, reclamou-lhe os serviços em nome da Pátria, à frente do Ministério das Relações Exteriores, afim de solucionar a gravíssima questão do Acre, que se declarara independente. Rio Branco agiu desde logo e, em 21 de novembro de 1903, firmava-se o Tratado de Petrópolis, pelo qual o Brasil, mediante compensações e acordos, entrava na posse de 200.000 Km.², o riquíssimo Território do Acre.

Na pasta do Exterior, que ocupou ininterruptamente de 1902 até a sua morte em 1912, Rio Branco continuou desenvolvendo o máximo da sua atividade pelo engrandecimento da Pátria. Como ministro do Exterior, conseguiu brilhantes vitórias diplomáticas, dentre as quais se salienta a assinatura, com a Argentina, do acôrdo complementar sobre as ilhas do Alto Uruguai, feliz remate à delicada questão das Missões.

Estas vitórias sucessivas levantaram ao mais alto grau o prestígio do barão do Rio Branco. Em 1907 foi eleito presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cargo esse perpetuado em 1909.

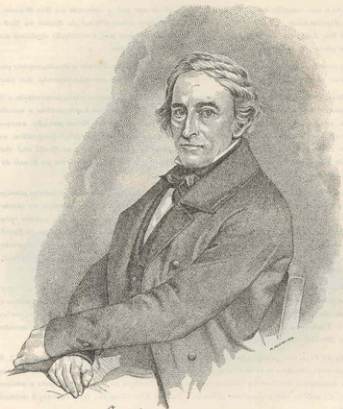
Autor de notáveis trabalhos históricos — "Esquisse de l'Histoire du Brésil", "Efemérides Brasileiras", etc., deixou, também contida nas páginas e nos mapas das suas Memórias, considerável documentação corográfica das regiões contestadas, contribuição preciosa para a geografia nacional.

Para a exemplificação objetiva do extraordinário trabalho de Rio Branco, basta lembrar que a configuração atual do Brasil, a extensão das suas fronteiras e a sua imensa superfície são obra sua. Com efeito, dos 16.340 km de fronteiras brasileiras, 14.002 km. foram por ele fixados. Quanto ao âmbito territorial do Brasil, os territórios do Acre (200.000 km.²), do Amapá (260.000 km.²) e das Missões (30.622 km.²), integrados definitivamente, perfazem 490.622 km.² dos 8.511.189 km.² da sua área total.

Este grande brasileiro, figura indispensável para o estudo da evolução das nossas fronteiras e do nosso território, deixou seu nome ligado para sempre à Diplomacia, à História e à Geografia do Brasil.

RIO BRANCO

(1822-1872)



*Je puisis empayment pventus ;
en palnis usurgo*

Martens

VON MARTIUS

(1794-1868)

BOTÂNICO alemão, dos mais eminentes, foi Carl Friedrich Philipp von Martius uma das figuras máximas da Geografia do Brasil, país a que dedicou a maior parte da sua atividade científica, não só no domínio da Botânica, mas também da Zoologia, da Etnografia, da Geologia, da História e, de um modo geral, da Geografia.

Natural da Baviera, tendo seguido o curso de Medicina, era Martius assistente do Jardim Botânico de Munich, quando foi enviado ao Brasil, em companhia de Johann Baptist von Spix, pela Real Academia de Ciências, com o fim de estudar a natureza do nosso país. Aproveitava-se a feliz oportunidade da vinda da Arquiduquesa Leopoldina d'Áustria, futura Imperatriz do Brasil, para organizar-se uma eficiente missão austríaca de sábios, aos quais se reuniram os dois bávaros.

Aqui chegado a 16 de julho de 1817, permaneceu no Brasil pouco menos de três anos, tendo realizado suas pesquisas e explorações em companhia de Spix. Após ter visitado São Paulo, percorreu Minas Gerais, Baía, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, colhendo observações valiosíssimas e copioso material para estudos. Essa memorável viagem tão rápida forneceria a Martius elementos para quasi meio século de trabalhos sobre o nosso país. As observações gerais foram publicadas na famosa "Reise in Brasilien" ("Viagem pelo Brasil") por Spix e Martius, obra que o consagra como um verdadeiro geógrafo, mesmo no sentido moderno da expressão. Nela não se limita Martius à parte descritiva, mas igualmente manifesta constante preocupação de explicar e correlacionar os fenômenos. Tendo Spix falecido em 1827, continuou Martius sozinho a obra, terminada em 1831.

Nomeado diretor do Jardim Botânico de Munich em 1832, renunciou mais tarde ao cargo para dedicar o resto de sua vida ao preparo de obras sobre Botânica e Etnografia, sobretudo do Brasil. De sua enorme produção ressaltam os seguintes trabalhos:

- "História Natural das Palmeiras" (1823 — 1850);
- "As plantas e animais da América Tropical" (1831);
- "A natureza, as doenças, a medicina e os remédios dos primitivos habitantes do Brasil" (1844);
- "Glossários das línguas indígenas do Brasil", (1863);
- "Contribuições para a Etnografia e a Linguística da América, especialmente do Brasil" (1867)
- "e muitos outros.

Sua obra mais célebre é, porém, a "Flora Brasiliensis", o maior monumento da Fitogeografia contemporânea, no dizer de A. J. de Sampaio, e também um dos mais notáveis resultados dos espíritos de cooperação e de continuidade. Consta de 40 volumes, publicados durante 66 anos (1840 — 1906) nos quais são descritas 22.767 espécies vegetais.

Martius foi seu organizador e primeiro diretor; após sua morte (1868) sucedeu-lhe Eichchler e, por falecimento deste (1887), assumiu Urban a direção, até o seu termo. Nela trabalharam 65 colaboradores, de 9 nacionalidades diferentes, sendo aproveitadas as observações de 139 coletores de material, dos quais 26 brasileiros.

A obra é ainda um padrão de glória para o Brasil, pois, a partir de 1852, foi subvencionada pelo Governo Imperial, subvenção mantida pelo Governo da República. Desde o referido ano de 1852, ajuntou Martius ao título da obra a seguinte frase: "Sublevatum populi brasiliensis liberalitate" (Publicado graças à liberalidade do povo brasileiro).

Além de sua contribuição para a Botânica, a Etnografia e a Geografia do Brasil, foi ainda Von Martius um grande conhecedor da nossa História. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apresentou a essa agremiação, em 1844, notável trabalho, mais tarde por ela premiado: "Como se deve escrever a História do Brasil"; nessa dissertação oferece ele uma lista de livros, publicados a partir de 1495, de interesse para os nossos historiadores.

A nós, brasileiros, é grato salientar o grande amor que Martius dedicou à nossa pátria, amor que demonstrou, não só pelo interesse científico, mas também pela constante solicitude para com as cousas da nossa terra, conforme se pode observar em sua frequente correspondência com íteis amigos brasileiros. Em carta datada de 18 de agosto de 1863 (portando 43 anos depois de sua estada no Brasil), escrita em português e dirigida a Paulo Barbosa da Silva, destaca-se o seguinte trecho em que ele bem define os seus sentimentos em relação ao nosso país:...

« eu nunca perco de meu coração a lembrança de V. Ex., do meu mais velho e mais fiel amigo, lá na minha segunda pátria. Esse, em verdade, é para mim o país ao qual por acontecimento providencialis estou consagrando meus desvelos literários. Ainda alguns anos: depois dormirei no chão destas pacíficas montanhas; mas algumas pessoas do Brasil dirão:

morreu um alemão, um sábio e ativo lente;
trabalhou entre nós e amou a nossa gente »

Nota — O retrato aqui apresentado é cópia fiel do que aparece no 1.º volume da "Historia Naturalis Palmarum", já com o lema: — "In palmis semper parens juventos; in palmis resurgo" (Nas palmeiras existe uma juventude sempre fecunda. No meio delas ressuscito).

Alguns anos mais tarde, por ocasião de sua festa jubilaria, em 1864, foi cunhada u'a medalha, com a seguinte inscrição que confirma aquele lema: — "Palmarum patri dant lustra decem tibi palma. In palmis resurges". (A ti, pai das palmeiras, dez lustros dão a palma. Ressuscitarás nas palmeiras).

Por ocasião dos funerais de Martius, foram mais uma vez consagrados os laços que o unem à nossa flora, com uma tocante cerimônia simbólica em que seus amigos o acompanharam até o sepulcro, empunhando palmas verdes. O nome de Martius ficou assim permanentemente ligado à natureza do Brasil, simbolizada pelas palmeiras, e assim sentencioso célebre naturalista: "Enquanto houver palmeiras, será lembrado o nome de Martius".

(As traduções dos lemas latinos foram feitas por gentileza do Sr. Padre Helder Câmara).

EUCLIDES DA CUNHA

(1866 — 1909)

SE há aspecto dominante na obra de Euclides da Cunha é o decerto o geográfico. Sua primeira obra prima é estudo de legítima antropogeografia e o último trabalho que saiu de sua pena, mutilado em meio de um vocábulo, foi o artigo de crítica ao Atlas do Barão Homem de Melo. Entre os dois, Euclides escreveu e fez geografia.

Nascido em 20 de janeiro de 1866 na então Província do Rio de Janeiro, passou a infância em Teresópolis e S. Fidelis, onde fez o curso primário. Na Baie e no Rio cursou os preparatórios, que o levaram à matrícula na Escola Politécnica em 1885, de onde se transferiu para a Escola Militar da Praia Vermelha, em 1886. Por ato de protesto e rebeldia é desligado do Exército em 1888, voltando à Escola de Engenharia civil, iniciando a colaboração jornalística na então "Província de S. Paulo". Proclamada a República, reingressa na carreira militar, cursando a Escola Superior de Guerra e logrando as promoções até 1.º Tenente.

Toma parte na defesa do Governo na revolta de 1893, finda a qual, em campanha, abandona de vez o Exército, voltando à vida civil, como engenheiro do Estado de São Paulo, em cuja função vai reconstruir a ponte metálica, ruída um mês após armada, na cidade de S. José do Rio Pardo. Ai, graças à amizade exemplar de Francisco Escobar, encontra as condições necessárias para escrever "Os Sertões". Livro nitidamente geográfico é talvez o mais notável trabalho de geografia humana que um pedaço de Terra mereceu de um escritor. Dentro dos princípios modernos fez derivar da terra o homem à sua imagem e semelhança, do homem a figura do gnostico branco — Antônio Conselheiro — e do sistema social formado, toda a Campanha de Canudos.

Sem os exageros de escola, o livro se fixa dentro das linhas gerais do determinismo ou possibilismo geográfico. Por isso os maiores críticos situam-no como monografia antropogeográfica e das maiores de todas as literaturas.

Depois de "Os Sertões" escreveu para jornais ensaios diversos reunidos nos "Contrastes e Confrontos", em que há muito de pura geografia, geral e brasileira.

Aquí é o capítulo que deu o título ao livro em que estuda o paralelismo entre a geografia e a história do Perú; ali, a "Missão da Rússia"; mais adiante, capítulos brasileiros como o do problema das secas — "Plano de uma cruzada", "Fazedores de deserto", "Entre as ruínas", "À margem de uma estrada", "Contra os Caucheros", "Solidariedade Sul-Americana", todos de nítido e alto sentido geográfico.

De engenheiro do Estado, passando rapidamente pela Comissão de Saneamento de Santos, é nomeado Chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do alto-Purús, decorrente do Tratado de Petrópolis. Essa missão, de caráter geográfico e diplomático, não só correspondia a velho sonho, como o poria em contacto com as questões sul-americanas, de que seria, entre nós, notável especialista.

Ai fez geografia viva, reconhecendo os 3.200 km. do grande afluente do Amazonas, já percorrido pelo brasileiro Manuel Urbano e pelo inglês Chandless. O relatório que escreveu é modelo no gênero, pela cultura, pela segurança, pela esatidão e pelo brilho da linguagem, riquíssimo de informes sobre o grande rio.

De regresso iria ser a Amazônia a fonte principal de sua obra daí por diante. Ingressa no Itamarati, colaborador de Rio Branco, onde escreve o notável "Perú-versus-Bolívia", trabalho de diplomacia, de geografia histórica, de direito, de tal valor que o representante boliviano junto ao árbitro argentino fê-lo verter para o castelhano. Pesou, na decisão arbitral, a peça monumental do pensador brasileiro, que esclarecia de vez os tratados de 1867 entre o Brasil e a Bolívia e o de 1851 entre o Brasil e o Perú.

Os anos que passa no Ministério do Exterior ocupa-se em cartografia, retificando, fazendo de próprio mapas, num trabalho paciente e probo de verificações penosas e fatigantes. Guardam os Arquivos do Itamarati: — mapa da região do Acre; esboço geográfico do Alto-Juruá; e o contorno da fronteira com o Perú; a região entre o rio Acre e o Abunã ao Norte e o Tahuamano e Orton, ao Sul; carta do Alto-Acre; Departamento do Alto-Juruá; esboço da região litigiosa Perú-Boliviana; carta de parte da lagoa Mirim. Nos ensaios publicados na imprensa e que dariam parte de "À Margem da História", revela a Amazônia, como já revelara os sertões aos brasileiros. Neles segue a mesma linha de "Os Sertões", embora sem a unidade de uma obra de conjunto. A monografia sobre o Purús, em que apresenta a teoria do ciclo vital dos rios de Morris Davis é genial. Mas não é só nesta parte — "A terra sem história" do seu livro póstumo que há o geógrafo. Ele está presente na "Viação Sul-Americana", no "Primado do Pacífico", em "Martin Garcia" da segunda parte — "Estudos vários", como o astrônomo, no último capítulo sobre "Estrélas indecifráveis".

Dois pequenas e inéditas memórias — "Reparos sobre o forte de Bertioza" e "Reconhecimento da ilha dos Búrcis" traem a pena do geógrafo, e ao par de quanto se sabia aqui e alhures, a crítica ao Atlas de Homem de Melo, publicado no "Jornal do Comércio". Em S. José do Rio Pardo, ao concluir a ponte, para diminuir os efeitos da correnteza, construiu pequena ilha a montante do pegão da margem esquerda, que lá está até hoje linda e arborizada.

Por tudo isso Roquette Pinto, quando estudou Euclides naturalista, classificou-o como "ecólogo". Maurício Joppert, ao apreciar o engenheiro, acentuou como os planos, projetos e concepções do profissional tinham a base geográfica. Raja Gabaglia e Everard Backeuser mostraram que nele o geógrafo ao par das idéias mais modernas se traía a cada passo. Firmo Dutra não vacilou em apontar como característica dominante da sua personalidade a de geógrafo e explorador.

Dono de um estilo sem par na nossa literatura, com um amor e um apêgo carinhoso à gleba brasileira, armado de rara cultura científica, o "filho da terra perdidamente enamorado dela", como se apelidou, Euclides da Cunha havia de ser um grande geógrafo, dentre os maiores do Brasil.



M. MEDINA DES.

L. Agassiz

LOUIS AGASSIZ

(1807-1873)

A Geografia do Brasil tem sido estudada, através dos tempos, por um número relativamente restrito de geógrafos, na verdadeira significação do termo. Os grandes sábios que nos visitaram no século XIX eram, na sua maioria, estudiosos de outras ciências. Ao realizarem, porém, suas investigações científicas, descreviam as regiões que exploravam, observavam e registavam fenômenos geográficos, estudando, assim, acidentalmente, a corografia de vários tratos do nosso território. Assim é que Martius, Saint-Hilaire, Spix, Wied-Neuwied, Langsdorff, Eschwege, Lindman, Lund, Branner, Liais, Fritz Mueller, Derby, Hartt, Warming, Castelnau, e muitos outros botânicos, zoólogos, geólogos, etnólogos, paleontólogos, percorrendo os nossos sertões na ansia de classificar as espécies vegetais e animais brasileiras, de estudar as raças e os costumes dos aborígenes, de investigar as origens e analisar a constituição dos terrenos, deixaram, contida nas suas obras científicas, copiosa contribuição geográfica.

Jean Louis Rodolphe Agassiz fez parte desta memorável cruzada científica do século XIX. Nascido em Môtiers (28-5-1807), no Cantão de Friburgo, Suíça, estudou medicina em Zurich, Heidelberg e Munich. Formou-se em 1830, indo para Paris, onde foi discípulo de Cuvier. Voltando à pátria, foi nomeado professor de História Natural em Neuchâtel (1832). Especializando-se no estudo das ciências naturais, em que se tornou notável geólogo e paleontólogo, partiu em 1846 para a América do Norte, onde teve ótima acolhida no meio científico americano, sendo convidado para exercer as funções de catedrático de História Natural no Instituto Lowell da Universidade de Cambridge. Do sucesso de suas lições decorreu a sua fixação nos Estados Unidos.

Seu pendor inato para naturalista manifestou-se desde cedo. Era ainda estudante na Alemanha, quando, por indicação de Martius, empreendeu a classificação dos espécimes animais colecionados no Brasil pelo grande botânico alemão e seu companheiro Spix, na sua célebre viagem pela nossa terra (1817-1820). A Agassiz, coube a parte referente aos peixes, sendo, assim, um dos que substituíram a Spix, que morrera em 1827, ainda no início de seu trabalho.

O desejo, que há muito alimentava, de conhecer o Brasil foi realizado quando o americano Nataníel Thayer, homem de largos recursos financeiros e grande amigo da Ciência resolveu custear uma expedição sob a direção de Agassiz, para estudar a fauna ictiológica da bacia amazônica. Constituíam a "Thayer Expedition": o naturalista suíço; Elizabeth Cary Agassiz, sua esposa e secretária; Carlos Frederico Hartt e Oreste Saint-John, geólogos; John Allen, ornitologista; John G. Anthony, malacólogo, e outros auxiliares. Em viagem para o Brasil realizou, a bordo do "Colorado", uma série de palestras sobre o plano de pesquisas que a expedição devia aqui levar a termo. Nestas palestras dissertava acerca da fisiografia brasileira e, particularmente, sobre a do vale do Amazonas onde se efetuariam os seus estudos.

A 23 de abril de 1865, chegava ao Rio de Janeiro a "Thayer Expedition". Na Côte mesmo e em seus arredores Agassiz iniciou as suas investigações, surpreendendo-se com os belos matões da Tijuca, aos quais erroneamente atribuiu origem glaciária. Realizou ainda, em 1865, uma excursão à então província de Minas Gerais e, no mesmo ano, rumou para o Norte, visitando as capitais das províncias de Baía, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão e Pará. Percorreu o Amazonas em todo o seu curso em terra brasileira; esteve em Tabatinga, em Telé e em Manaus, retornando ao Pará, onde continuou os seus estudos. Deixando esta província, fez uma excursão pelo interior do Ceará, donde regressou para o Rio de Janeiro. Após um ano de proveitosos estudos no Brasil, voltava em julho de 1866 para os Estados Unidos, sua segunda pátria, onde continuou o ensino da História Natural em Cambridge e terminou o seu trabalho de classificação dos peixes do Brasil. Em 1872, esteve de passagem em Pernambuco e Rio de Janeiro, com destino, à Califórnia. Neste mesmo ano fundou em Cambridge a Escola de História Natural Anderson, da qual foi diretor. A Agassiz deve-se também a criação do primeiro museu de Nova Iorque.

As observações geográficas, geológicas, etnográficas, paleontológicas, botânicas e zoológicas, colhidas na sua longa jornada científica pelo Este, Nordeste e Norte do Brasil, acham-se colecionadas sob a forma de notas, "croquis", pequenas monografias e ilustrações, no seu livro "Viagem pelo Brasil", que contém ainda um excelente diário, escrito de maneira fiel pela sua esposa. Dentre os 29 escritos de Agassiz com referência ao Brasil, destacam-se pelo seu caráter geográfico, os seguintes trabalhos: "On the drift in Brazil and on decomposed rocks under the drift" — (1866); "Physical History of the Amazon Valley" — (1866); "Quelques détails sur un voyage sur l'Amazone" — (1867); "Geography of Brazil: the river Amazon" — (1867); "A Journey in Brazil" — (1868). Espírito jovial e simpático, devotava grande amizade à nossa terra e à nossa gente, simpatia sinceramente retribuída pelos intelectuais e homens públicos do Império. Antes mesmo de partir para o Brasil, foi-lhe conferido o diploma de sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em síntese, a obra geográfica de Agassiz relativa ao Brasil caracteriza-se pelo estudo geral da fisiografia e particular da geologia de certas regiões do território nacional, por ele percorridas.

Tentando explicar pela ação glaciária a origem de certas formações geológicas da bacia amazônica e das serras de Aratanha e Facatuba (Ceará) blocos rochosos e depósitos que supunha serem "drifts" glaciais sofreu, da parte de Hartt, Darwin, Haeskel e Branner severa crítica, em contestação à sua teoria de glaciações no Brasil. Tal fato, porém, não diminuiu a sua competência e valor de cientista conceituado. Humboldt, referindo-se aos seus estudos sobre geleiras, já escrevera: "Depois dos imorredouros trabalhos de Saussure, o fenômeno das geleiras foi estudado nos Alpes, por Venetz e Charpentier, e especialmente por Agassiz, cuja perseverança e intrepidez estão acima de todo enômio".

Louis Agassiz



Agassiz, Louis de Pléville.

EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA

(1882-1939)

O Berço, parece, traçou-lhe o destino. Filho do saudoso geólogo Francisco de Paula Oliveira, nasceu numa pequena fábrica de ferro, no arraial do Areiado, perto de Abaeté, Estado de Minas Gerais, a 14 de agosto de 1882.

Aos 23 anos de idade recebia o grau de engenheiro de minas e civil na Escola de Minas de Ouro Preto, iniciando a sua vida profissional no mesmo ramo da ciência que lhe viria imortalizar o nome.

De engenheiro da "Comissão de estudo das minas de carvão de pedra do Brasil", chefiada por I. C. White, em 1907 passou a geólogo do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, ponto de partida de sua brilhante trajetória científica. Nesse posto em que permaneceu até 1922, foi grande a sua atividade principalmente nos trabalhos de campo que lhe proporcionaram exato e completo conhecimento da fisionomia geográfica do país.

Elevado nesse ano interinamente à direção do serviço, avaliou bem o vasto panorama que tinha diante de si, e iniciou uma nova fase de operosidade, onde difícil era distinguir o geólogo de campo do cientista de gabinete ou do administrador.

Diretor efetivo em 1925 da instituição, que amou como ao próprio lar, soube engrandecê-la, nivelando-a a suas congêneres estrangeiras.

Os grandes problemas da indústria mineral, de relevante interesse na economia nacional, foram sempre assunto de sua constante preocupação.

A siderurgia nacional e o problema da pesquisa de petróleo empolgam-no. Ambas questões, envoltas em transcendentales dificuldades, desafiando a sagacidade dos técnicos nacionais e estrangeiros, levam-no a estudá-las, com notável senso da "realidade brasileira", e as suas conclusões são ainda hoje quasi dogmáticas.

Os relatórios anuais do Diretor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil registam com rigorosa continuidade e precisão a sequência dos trabalhos de pesquisa de petróleo, por onde se pode aferir o acendrado empenho e fervorosa esperança com que sonhava prestar mais um relevante serviço ao país, procurando estar sempre ao par da evolução dos estudos e processos de pesquisas realizados nos campos estrangeiros. Foi o introdutor no país dos métodos de prospecção geo-física tanto para pesquisa de petróleo como para outros recursos minerais.

A reforma do Ministério de Agricultura de 1933, transformando o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em Departamento Nacional da Produção Mineral, uma padronização de nomenclatura, restringiu-lhe o campo de ação, mas deu-lhe nova oportunidade de consolidar o seu já imenso prestígio, pois, chamado a atuar no Conselho Nacional de Geografia, se tornou desde logo uma das suas mais notáveis figuras.

Teve o dom de despertar vivo interesse pela geologia, atraindo para os seus estudos a ala moça da engenharia nacional, com que preparou o numeroso corpo dos atuais geólogos brasileiros, que lhes ficaram assim devendo o título.

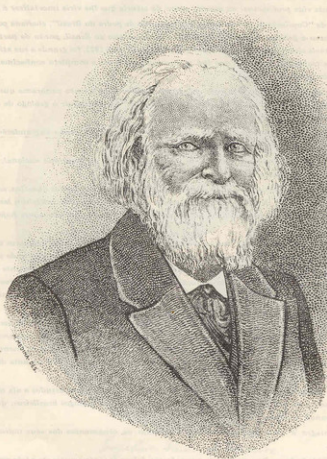
Um caráter íntegro e uma grande modéstia realçaram os ornamentos dos seus indiscutíveis dotes intelectuais.

Sobre a sua atividade de escritor, melhor do que as frases, falam as cento e quarenta e três memórias com que enriqueceu a bibliografia nacional. Geologia, paleontologia, mineralogia, recursos minerais, estudos econômicos são assuntos nelas versados com admirável espírito de investigação, escrupuloso destaque das concepções alheias, máxima prudência nos próprios conceitos.

A esse valioso patrimônio ainda serão reunidos vários trabalhos, que a sua morte prematura deixou inéditos, cumprindo destacar entre outros a "História da pesquisa do petróleo no Brasil".

Um fato singular imprime uma característica de excepcional relevo na vida do grande geólogo, de que ora se tenta traçar o perfil: instruiu-se, fez-se um sábio de conceito universal, sem nunca transpor as fronteiras pátrias, o que lhe conferre, com toda justiça, o título que lhe deu o Cel. João Domingos dos Santos, seu dedicado amigo: "príncipe da geologia brasileira".

(1882-1870)



ELISÉE RECLUS

ELISÉE RECLUS

(1830-1905)

GEÓGRAFO francês que empreendeu a grande obra "Nova Geografia Universal" — em 19 volumes publicada entre 1875 e 1894. Foi, no seu tempo, a maior obra de conjunto, metódica e concienzosa, relativa aos conhecimentos geográficos do mundo.

Auxiliado por colaboradores autorizados, Reclus dedicou perto de vinte anos à preparação deste monumento científico.

O pensamento francês, na "Nova Geografia Universal", se revela um tanto sob a influência do espírito alemão principalmente sob a inspiração de Karl Ritter. Ainda estava então em formação a Escola Francesa de Geografia. Já aparecem as preocupações constantes de ligar as feições físicas e os recursos naturais às bases geológicas e às condições climatológicas. A orientação moderna se acentua principalmente nos últimos volumes.

Desta grande obra, foi destacada a parte relativa ao Brasil que, traduzida pelo inolvidável Ramiz Galvão, deu aos nossos estudos de geografia pátria uma nova interpretação. A sua divisão do Brasil em regiões naturais foi uma feliz inovação que sugeriu alterações nos nossos métodos didáticos. Tendo vivido vários anos na Colômbia, Reclus era um conhecedor da América do Sul. Muito escreveu sobre ela (Viagem à Serra de Santa-Marta).

As suas idéias sociais avançadas o obrigaram a passar parte de sua vida fora da França, de onde foi banido. De 1892 em diante, professou geografia na Universidade de Bruxelas.

Muito fez Reclus para popularizar o estudo da geografia e despertar interesses nas questões geográficas, em França e no mundo. Antes de morrer, empreendeu, com seu irmão Onésimo Reclus, uma outra obra de fôlego, "O Homem e a Terra".



Albert Peter Pauline

ALBERTO BETIM PAIS LEME

(1883-1938)

NASCIDO no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1883, Alberto Betim Pais Leme fez seus estudos secundários no Liceu Carnot, em Paris, graduando-se depois em engenharia civil e de minas na Escola Superior de Minas da metrópole francesa. A convite do professor Orville A. Derby, ingressou no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, onde se demorou pouco tempo. Publicou, em 1910, seu primeiro estudo sobre a geologia do Distrito Federal e, em 1912, um segundo trabalho mais minucioso sobre os gnaisses do Rio de Janeiro, onde discutiu a origem das grandes massas gnáissicas da serra do Mar. Em 1911, após concurso, ocupou a cadeira de Mineralogia do Museu Nacional. Em 1918 apresentou, à Escola Politécnica do Rio de Janeiro, uma tese sobre a análise espectral aplicada à mineralogia, passando a exercer o cargo de professor-substituto de geologia. Nesse mesmo ano publicou uma monografia sobre a formação do linhito de Caçapava, (São Paulo), assunto do qual se ocupou várias vezes. No Museu Nacional renovou as atividades da seção de Mineralogia e Geologia, que se achava praticamente imobilizada desde o afastamento do Professor Derby. Reorganizou as coleções da seção e publicou, em 1924, um guia intitulado "Evolução da Terra e Geologia do Brasil vistas através das coleções do Museu Nacional".

Suas principais pesquisas foram no campo da análise espectral aplicada à mineralogia, tendo desenvolvido método cinemático de análise quantitativa que consiste em medir a espessura das raíais específicas em espectrogramas obtidos por processos padronizados. Detentor de uma cultura sobremodo larga, realizou, em 1926, novo concurso na Escola Politécnica, pelo que foi nomeado professor catedrático de Botânica e Zoologia Industriais e Estudo das Matérias Primas. Embora professando com brilho essa disciplina, a sua principal atividade se manteve no ramo da geologia e da mineralogia, continuando a publicar muitas memórias. Em 1929, sob o patrocínio do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, realizou uma série de conferências em Paris, sobre o estado dos conhecimentos geológicos no Brasil, tendo discutido longamente a questão da teoria do desliz dos continentes do professor Albert Wegener. O professor Betim arrolou um grande número de argumentos de ordem geológica e paleontológica que, do seu ponto de vista, eram francamente desfavoráveis à hipótese do mestre de Hamburgo.

Entre os seus principais títulos, destacam-se o de membro da Sociedade Geológica de França e da Academia Brasileira de Ciências, Cavaleiro da "Legião de Honra", concedido pelo governo francês, e professor honorário da Universidade de Paris.

De maio de 1935 a janeiro de 1938, exerceu o professor Betim Pais Leme o cargo de diretor do Museu Nacional. Grande conhecedor da geografia do Brasil, foi nomeado em 1937 professor catedrático de Geografia Regional na extinta Universidade do Distrito Federal. No Conselho Nacional de Geografia, foi membro do Diretório Central, desde a instalação deste órgão, como delegado técnico do Ministério da Educação e Saúde.

Falecendo no Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1938, deixou no prelo o seu maior e mais importante trabalho, intitulado "História Física da Terra vista por quem a observou do Brasil", onde é feito o estudo minucioso da geologia do país. Nessa obra, o professor Betim salienta que o grande planalto central do Brasil elevou-se por movimentos epirogênicos em consequência da erção dos Andes, originando-se desses fatos o sistema fluvial sul-americano. Alguns rios como o Paraná, o Tocantins, o Araguaia e o S. Francisco, que correm paralelamente à costa, correspondem, no seu juízo, a um grande sistema de fraturas dirigidas norte-sul. As águas continentais teriam vindo se reunir na parte central da cavidade limitada pelos Andes. A oscilação isostática, em sentido contrário, teria esvaziado a bacia através do Amazonas, produzindo fenômenos de desnudação responsáveis pelas lagoas paralelas ao curso atual do Amazonas: Manaurá, São José, Centena, Frexal, Cucul, etc. Os lagos vizinhos do rio, como Surubui, Curuá, etc, proveem, entretanto, simplesmente de inundações. Na sua opinião, não há razão para excluir o Tocantins-Araguaia do sistema fluvial amazônico, uma vez que a separação desse rio do curso principal é muito recente e incompleta. A propósito do rio Paraíba, Betim discorda de que a estrutura dos gnaisses seja sinclinal. Na sua opinião, o rio acompanha uma linha de fratura que separa a serra do Mar da serra da Mantiqueira. O fundo do vale atual foi, no fim da era terciária, ocupado por uma série de lagoas (Jacaré-Guaratinguá e Floriano-Barra Mansa) cujos depósitos são hoje atravessados pela corrente; Betim procurou mostrar a existência de uma série de falhas posteriores a esses depósitos, uma das quais teria isolado, da bacia maior, os depósitos de linhito da base do Jambeiro, em Caçapava.

Mostra Betim que as barreiras do litoral nordeste representam uma regressão do mar ocorrida no plioceno. Atualmente verifica-se ali o inverso: o mar ganha terreno sobre o continente. Betim forma, porém, entre os que acreditam que, ao longo da Serra do Mar a costa se está levantando. Essa zona de emersão se limitaria, no entanto, ao trecho entre Espírito Santo e Rio Grande do Sul. As principais provas a favor dessa hipótese seriam os sambaquis. Finalmente, as ilhas ao largo da costa brasileira, como Trindade e Fernando de Noronha, exibem rochas alcalinas as quais, no seu conceito, evidenciam origem continental, constituindo um dos argumentos contra a hipótese de Wegener.

Alberto Betim Pais Leme destaca-se pela originalidade do seu espírito de pesquisa, entre os geólogos brasileiros que mais se distinguiram na sua geração.



Quill A. Derby

ORVILLE A. DERBY

(1851-1915)

MEMBRO da expedição Morgan 1870-1871, que, sob a direção do Prof. Charles F. Hartt, percorreu grande parte da Amazônia em explorações geológicas, Orville A. Derby, ainda estudante da Universidade de Cornell, com 21 anos de idade, mostrou tão excepcional capacidade como geólogo e como fisiógrafo, que se tornou desde logo o principal geólogo das comissões Hartt.

Quando o Governo Imperial resolveu criar a Comissão Geológica do Império, Derby foi incluído no corpo de geólogos da novel instituição, onde prestou os mais assinalados serviços. Os trabalhos dessa Comissão, em sua quasi totalidade, estariam irremediavelmente perdidos se Orville A. Derby não tivesse sido designado para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, para onde transferiu o material científico coletado pela extinta Comissão.

No Museu Nacional, Derby pôs em ordem as coleções de mineralogia e paleontologia, coordenou as observações de Hartt e as suas próprias sobre os estudos na Amazônia, escrevendo, então, a importante memória "Contribuições para a geologia do Baixo Amazonas", cuja leitura é ainda hoje indispensável para todos quantos desejarem ter um conhecimento, sob bases científicas, da fisiografia da bacia do rio-mar.

De real importância geográfica é a sua memória sobre a região diamantina do Estado do Paraná, então Província (1876). Nela foram delineadas, sobre base de estrutura geológica, as feições topográficas do futuroso Estado do Sul. Na qualidade de geólogo da expedição que, sob a direção de Halfeld, fez o levantamento do rio S. Francisco, Derby fez numerosas observações não só ao longo do rio, como em grandes tratos de terras limítrofes. Com as observações aí colhidas Derby escreveu importantes memórias, dentre as quais resalta, pelo seu valor geográfico, o "Reconhecimento Geográfico e Geológico do Vale do rio S. Francisco".

"Os picos altos do Brasil" é uma contribuição de alto valor geográfico; dentre os fatos mais salientes nela elucidados, destaca-se a altitude da serra dos Pirineus, Minas Gerais, à qual foi atribuída, por algum tempo, o titulo de ponto culminante do Brasil. Derby concluiu, baseando-se em uma observação do engenheiro de minas Crispiniano Tavares, feita em uma parte do rio Paranaíba, que a serra dos Pirineus teria no máximo 1.352 m., o que foi confirmado pelos trabalhos da Comissão Cruls, em 1892.

Outro trabalho de notável valor geográfico resultou de um rápido reconhecimento geológico da Chapada Diamantina, no Estado da Baía, com o objetivo de estudar o modo de ocorrência do diamante. Resultou dessa rápida observação a definição perfeita da fisiografia da região, baseada na estrutura geológica das formações. Posteriormente, já Diretor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Derby publicou a memória "The Serra of Espinhaço", um dos mais importantes trabalhos de sua lavra, tanto do ponto de vista geológico como geográfico.

Caracterizou a estrutura geológica da Serra do Espinhaço, desde Minas Gerais até a Baía, criou e definiu a "Série de Minas" e, apoiando-se na estrutura geológica, interpretou a fisiografia da Serra do Espinhaço e Chapada Diamantina.

Autor de 154 memórias originais, sobre geologia e ciências conexas, Derby foi também um historiador muito consciencioso. A paleontologia era a sua ciência predileta, à qual se dedicou até os seus últimos dias de vida.

Foi Diretor e fundador da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

Homem de perfeita integridade moral, cientista rigoroso e altamente precavido no emitir opiniões, escritor de estilo claro e conciso, Orville A. Derby, falecido na idade de 62 anos, deixou brilhante tradição de trabalho e de cultura, como geólogo e como geógrafo.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

O Conselho tem por finalidade coordenar as atividades geográficas brasileiras. Para isso, dispõe dos seguintes órgãos: 1) a **ASSEMBLEIA GERAL**, órgão deliberativo supremo, constituída de delegados do Governo Federal, dos membros do Diretório Central, delegados dos Governos das Unidades Federadas, os presidentes dos Diretórios Regionais, e de delegados das instituições privadas integradas no Conselho; reúne-se ordinariamente em sessão anual inaugurada a 1.º de Julho; 2) o **DIRETORIO CENTRAL**, órgão atuante na esfera federal, formado pelo Presidente do Instituto, pelo diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, por delegados técnicos representantes de todos os Ministérios, pelo diretor da Engenharia Municipal do Distrito Federal, pelo representante do Conselho Nacional de Estatística, e representantes especiais dos Ministérios da Educação e Saúde e das Relações Exteriores; reúne-se quinzenalmente; 3) os **DIRETORIOS REGIONAIS**, nas Capitais dos Estados e do Território do Acre, constituídos pelos chefes de serviços estaduais de caráter geográfico sob a presidência dum secretário de Estado, secretariado pelo chefe do serviço mais acentuadamente geográfico; 4) os **DIRETORIOS MUNICIPAIS**, sob a presidência do Prefeito, congregam os funcionários municipais, os professores e demais personalidades mais ligadas à geografia local; 5) as **COMISSOES TECNICAS**, órgãos opinativos, constituída cada uma de cinco membros, dos quais, dois da administração federal e os demais das administrações regionais, de preferência; 6) o **CORPO DE CONSULTORES TECNICOS**, compreendendo no máximo cinquenta Consultores Nacionais junto ao Diretório Central e vinte Consultores Regionais junto a cada Diretório Regional; 7) o **CORPO DE INFORMANTES MUNICIPAIS** que, distribuídos pelos Distritos, se destinam a auxiliar os trabalhos dos Diretórios Municipais; 8) a **SECRETARIA GERAL**, órgão administrativo e executivo central, constituída pela repartição federal autónoma criada pelo decreto-lei n.º 782, de 13 de Outubro de 1938, atualmente denominada Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica.

MEMBROS DO DIRETORIO CENTRAL: Dr. José Carlos de Macedo Soares, presidente do Instituto e dos seus Conselhos; eng. Christovam Leite de Castro, secretário geral do Conselho e diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica; eng. Gerson de Faria Alvim, da Divisão de Geologia e Mineralogia, delegado do Ministério da Agricultura; professores F. A. Raja Gabaglia e C. M. Delgado de Carvalho, catedráticos de Geografia no Externato Pedro II e na Faculdade Nacional de Filosofia, respectivamente delegado técnico e representante especial do Ministério da Educação e Saúde; eng. Ulpiano de Barros, diretor do Domínio da União, delegado do Ministério da Fazenda; coronel Djalma Poli Coelho, diretor da Escola de Geógrafos do Exército, delegado do Ministério da Guerra; dr. Eugénio Vilhena de Moraes, diretor do Arquivo Nacional, delegado do Ministério da Justiça e Negócios Interiores; comandante António Alves Câmara Júnior, da Diretoria de Navegação, delegado do Ministério da Marinha; dr. Sérgio de Lima e Silva, secretário de legação, e coronel Renato Barbosa Rodrigues Pereira, consultor técnico da Divisão de Fronteiras, respectivamente representante especial e delegado técnico do Ministério das Relações Exteriores; eng. Duíde de Pinheiro Machado, diretor geral do Departamento de Imigração, delegado do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; eng. Joaquim Licínio de Sousa Almeida, Inspetor Federal de Estradas, delegado do Ministério da Viação e Obras Públicas; eng. Hélio Alves de Brito, diretor de Engenharia Municipal, delegado da Prefeitura do Distrito Federal; dr. Léo de Afonseca, diretor do Serviço de Estatística Económica e Financeira, representante do Conselho Nacional de Estatística.

PRESIDENTES DOS DIRETORIOS REGIONAIS: Alagoas: dr. Alvaro Correia Pais, secretário da Fazenda e Produção; Amazonas: dr. Rui Araújo, secretário geral do Estado; Bahia: dr. Joaquim da Rocha Medeiros, secretário da Agricultura, Indústria e Comércio; Ceará: dr. J. Martins Ro-

drigues, secretário de Estado dos Negócios da Fazenda; Espírito Santo: dr. Eurico Hildebrando Aurélio Rusehi, secretário da Agricultura; Goiás: dr. João Teixeira Alvares Júnior, secretário geral do Estado; Maranhão: dr. António Alexandre Baitma, diretor de Obras Públicas; Mato Grosso: dr. João Ponce de Arruda, secretário geral do Estado; Minas Gerais: dr. Odilon Dias Pereira, secretário da Viação e Obras Públicas; Pará: dr. Domingos Acauassú Nunes, diretor de Obras Públicas, Terras e Vapores; Paraíba: dr. Lauro Montenegro, secretário da Agricultura; Paraná: dr. Angelo Lopes, secretário de Obras Públicas e Agricultura; Pernambuco: dr. Apolônio Sales, secretário da Agricultura; Piauí: dr. Higinio Cunha, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado; Rio de Janeiro: maj. Hélio de Macedo Soares e Silva, secretário de Viação e Obras Públicas; Rio Grande do Norte: dr. Aldo Fernandes R. de Melo, secretário geral do Estado; Rio Grande do Sul: dr. Ataliba de Figueiredo Paz, secretário da Agricultura; Santa Catarina, dr. Celso Fausto de Sousa, secretário da Viação, Obras Públicas e Agricultura; São Paulo: dr. Levi Sobrinho, secretário da Agricultura, Indústria e Comércio; Sergipe: dr. Manoel Carvalho Barroso, secretário da Justiça e Negócios Interiores; Território do Acre: dr. José Vicente de Oliveira Martins, secretário geral do Território.

CONSULTORES TECNICOS NACIONAIS: Secção I, Metodologia Geográfica, prof. S. Fróis Abreu; Secção II, Metodologia do Ensino da Geografia, prof. F. A. Raja Gabaglia; Secção III, Bibliografia Geográfica, dr. Rodolfo Garcia; Secção IV, Nomenclatura Geográfica, min. Bernardino José de Sousa; Secção V, Documentação Cartográfica, dr. Henrique P. Vasconcelos; Secção VI, Topografia e Topologia, vago; Secção VII, Geodésia, comandante Rader de Aquino; Secção VIII, Astronomia de Campo, eng. S. Sodré da Gama; Secção IX, Fotogrametria, general Alípio Di Primo; Secção X, Cartografia, eng. Alirio Matos; Secção XI, Geografia Histórica, dr. Afonso D'Escrepelle Taunay; Secção XII, História da Geografia, dr. Max Fleuss; Secção XIII, Geologia, eng. Rui de Lima e Silva; Secção XIV, Paleogeografia, eng. Matias Roxo; Secção XV, Geomorfologia, eng. Luciano Jaques de Moraes; Secção XVI, Geofísica, eng. Irnack do Amaral; Secção XVII, Geografia Pedagógica e Acrológica, dr. Mário Saravia; Secção XVIII, Orografia, eng. Álvaro da Silveira; Secção XIX, Potamografia, eng. Maurício Joppert Silva; Secção XX, Limnografia, eng. A. J. Alves Sousa; Secção XXI, Oceanografia, alm. Raul Tavares; Secção XXII, Climatologia, eng. J. Sampaio Ferraz; Secção XXIII, Fitogeografia, prof. Alberto J. Sampaio; Secção XXIV, Zoogeografia, prof. C. Melo Leitão; Secção XXV, Geografia Humana, prof. E. Roguete Pinto; Secção XXVI, Etnografia, gen. Cândido Mariano Rondón; Secção XXVII, Geografia das Calamidades, eng. J. Filipe Pereira; Secção XXVIII, Geomorfologia, min. Hildebrando Aetoli; Secção XXIX, Limites, cel. Renato Rodrigues Pereira; Secção XXX, Divisão Territorial, vago; Secção XXXI, Localidades, prof. Basílio de Macalhão; Secção XXXII, Povoamento, dr. J. F. de Oliveira Viana; Secção XXXIII, Geografia da Produção, dr. A. Torres Filho; Secção XXXIV, Geografia dos transportes, eng. Moacir F. Silva; Secção XXXV, Geografia das Comunicações, etc. Braz de Aguiar; Secção XXXVI, Geografia Regional, Tte.-cel. J. de Lima Figueiredo; Secção XXXVII, Geografia do Litoral, eng. Evarado Backheuser; Secção XXXVIII, Turismo, dr. Lourival Pontes; Secção XXXIX, Geografia Urbana, dr. Gilberto Freire; Secção XL, Geografia Linguística, etc. Eugénio de Castro.

DIRETORIOS MUNICIPAIS INSTALADOS: Alagoas 33, Amazonas, 28; Bahia, 150; Ceará, 79; Espírito Santo, 32; Goiás, 47; Maranhão, 65; Mato Grosso, 13; Minas Gerais, 288; Pará, 38; Paraíba, 41; Paraná, 49; Pernambuco, 84; Piauí, 67; Rio de Janeiro, 50; Rio Grande do Norte, 42; Rio Grande do Sul, 75; Santa Catarina, 44; S. Paulo, 263; Sergipe, 42 e Território do Acre, 7. Total: 1.518.